



10º Simposio de Ensino de Graduação

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NO COTIDIANO DA SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor(es)

TANIA VALERIA DE O SCARANELLO

Co-Autor(es)

ELAINE ANTUNES DE LIMA
DINÁ CRISTINA I BUTOLO
FRANCESCA TROMBETTA CLEMENTE
JÚLIA ZANETTI ORSI
MAIARA RIBEIRO DE CARVALHO
MARIANA ERLO
TALITA CASTELLAZZO DE SOUZA

Orientador(es)

NILCE MARIA ALTENFELDER SILVA DE ARRUDA CAMPOS

1. Introdução

Atualmente o Brasil vive um contexto de grande fragilidade no sistema educacional frente ao fracasso escolar que, na maioria das vezes, são justificados por uma prática pedagógica com uma visão generalizada, construídas a partir de expectativas do rendimento escolar do aluno, cujas dificuldades são consideradas, na maioria das vezes, como distúrbio de aprendizagem, negando a responsabilidade da escola em seu papel fundamental na estruturação do aluno como facilitadora das relações institucionais e sociais, bem como sua deficiência na metodologia de ensino, nas políticas educacionais e na abordagem pedagógica utilizada no processo ensino-aprendizagem. Porém, o que torna esta situação ainda mais alarmante, é que tais discursos têm sido amparados pela prática de psicólogos que atuam segundo o modelo psicologizante ou medicalizante do atendimento à queixa escolar; ou seja, como resultado de uma realidade subjetiva, em que estruturas psíquicas são afetadas, justificando, nesse sentido, a medicalização como forma de tratamento. Então, o que normalmente se vê hoje nas escolas é que ela própria é uma instituição produtora do fracasso escolar, uma vez que os professores não cumprem seu papel de agentes de um processo de transformação, mas, sim, de reprodutores de um sistema que encobre falsos estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, para melhor apreensão sobre o que convencionalmente se denomina problemas na aprendizagem, realizamos uma junção de elementos significativos a partir do texto: “A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo” (SOUZA, 2004), bem como outras revisões bibliográficas sobre o tema.

2. Objetivos

O presente estudo tem como objetivo apresentar as diferentes concepções sobre o fracasso escolar no processo de ensino-aprendizagem no cotidiano da sala de aula, a partir da perspectiva das políticas educacionais em que tal fenômeno tem sido relacionado aos altos índices de reprovação e evasão nas escolas de ensino fundamental em todo o país.

3. Desenvolvimento

Em termos de procedimentos metodológicos, utilizamos algumas técnicas que pudessem possibilitar a apreensão da realidade do contexto da sala de aula na investigação sobre o modo como se configura o fracasso escolar, que se deu por meio do instrumento de coleta de dados empíricos sob a forma de entrevistas semi-dirigidas a professores dos ciclos 1 e 2 do ensino fundamental de escolas públicas e privadas na região de Piracicaba. A análise dos dados coletados foi realizada a partir de eixos temáticos: a) Como o professor identifica as dificuldades de aprendizagem de seus alunos; b) Como o professor explica essas dificuldades; e c) O que o professor faz a respeito dessas dificuldades (ver os anexos).

4. Resultado e Discussão

Como resultado; observou-se que, de um total de oito entrevistas realizadas, 75% referem-se às concepções do MODELO SUBJETIVISTA em que toma o objeto como desprezível e se prende às especulações do SUJEITO; ou seja, justificam as dificuldades de aprendizagem centrando-se no SUJEITO – O ALUNO e ignoram ou deixam de explicar os determinantes mais abrangentes daquilo que ocorre na situação de aprendizagem: a estrutura e o funcionamento da instituição escolar, a origem e a destinação social de alunos e professores, entre outros. Porém, 25% articulam suas justificativas considerando o MODELO OBJETIVISTA; ou seja, na dicotomização da relação sujeito – objeto, esses professores fixam-se no OBJETO – A EDUCAÇÃO para justificar o déficit de aprendizagem e, observa-se ainda, que um destes professores mostra considerar também nestas relações, a integração das duas posturas que leva à concepção da relação da criança com o seu meio como sendo de forma interativa; ou seja, não se devem ignorar os conflitos vivenciados pelas crianças fora da escola; entretanto, deve-se levar em conta que as relações escolares têm total influência sobre as dificuldades encontradas no aprendizado e, nesse sentido, analisar a relação entre a subjetividade e os mecanismos escolares (PATTO, 1990). Diante destes resultados, fica claro o fato de que as relações indivíduo-sociedade que se apresentam atualmente na psicologia educacional são representadas a partir de diferentes concepções; ou seja, objetivista, subjetivista ou, então, através da noção de um processo de interação entre o homem com suas potencialidades e o ambiente físico e social. Porém, o que impera hoje nas escolas ainda é o modelo subjetivista. No modelo subjetivista, o conjunto de expectativas centrada no aluno pode levá-lo a não obtenção de êxito no processo ensino-aprendizagem, porque é isso que se espera dele. Esses alunos que cursam as primeiras séries são suscetíveis às expectativas depositadas pelo professor e pelas pessoas mais velhas, em que, qualquer desvio no padrão preestabelecido passa a ser visto como um problema de aprendizado, do potencial da criança e na falta de recurso familiar; ou seja, centrando-se no sujeito, pois as variáveis é que determinam o resultado, levando-nos a questionar o tipo de formação dos professores e especialistas em educação e a padronização pedagógica (SOUZA, 2004). Quando não há a adaptação às regras por parte do sujeito (mais comum em meninos, justificado pela grande preocupação de que estes venham se tornar marginais), recorre-se à rotulação e este é inserido na categoria dos que apresentam distúrbios, tornando-se uma questão preocupante em que o propósito é se referir a uma doença, um problema localizado no aluno, onde o processo de biologização retira dos determinantes políticos e pedagógicos sua responsabilidade sobre as questões do fracasso escolar, isentando o sistema social vigente e as instituições educacionais de sua real atribuição. Dessa forma, no princípio da alfabetização do aluno é possível dizer que o fator determinante para os encaminhamentos de crianças ao tratamento psicológico são queixas repetitivas e predominantes no sujeito. A partir daí, cria-se uma estigmatização da parte do aluno e pais quando a escola acaba por indicar o encaminhamento psicológico, principalmente em populações menos favorecidas, em que esse atendimento é associado à loucura, insanidade e problemas mentais (SOUZA, 2004). Entretanto, vale destacar que, “entre uma concepção do sujeito da aprendizagem como receptor de um conhecimento recebido de fora para dentro, e a concepção desse mesmo sujeito como um produtor de conhecimento há um grande abismo.” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999). Isso quer dizer que, se nos ancorarmos nas concepções subjetivistas para explicar o problema da queixa escolar que centraliza na criança e em sua capacidade de suportar as circunstâncias adversas na busca de sua autorrealização, lançamos sobre ela a responsabilidade na sua falta de êxito diante do processo de ensino-aprendizagem, sendo que mediante estes preceitos subjetivistas, a criança detém o controle da situação. Por outro lado, buscar apoio nas concepções objetivistas não nos leva a uma alternativa satisfatória – pela forma como a aprendizagem é vista – como um processo de representação da realidade externa, e o conhecimento como sendo a função de como o indivíduo cria os significados com base em suas experiências. Neste sentido, o meio o controla e condiciona mecanicamente, reduzindo a educação a uma ferramenta de manipulação de estímulos que conduz a respostas mecânicas, na tentativa de ajudar o sujeito a encontrar seu lugar na estrutura social. Entretanto, esta visão, baseada em interesses capitalistas que considera a produção de mão-de-obra como prioridade e não prepara este sujeito no desenvolvimento de seu senso crítico, oferecendo-lhe conhecimento superficial (o que nos parece ser o foco das políticas públicas atuais quando se trata da criação de escolas técnicas), favorecendo o interesse da classe dominante e alterando a real perspectiva educacional como fator de desenvolvimento humano e social, torna-se agente massificador e excludente quando favorece a estigmatização embasada no comportamento patológico, pois se supõe que os recursos (meio) lhes são oferecidos.

5. Considerações Finais

No anseio de superação da problemática estabelecida e nos apoiando na concepção materialista-histórica de Marx, a partir do processo de socialização das relações humanas, devemos avaliar o contexto de atuação, embasados na citação de PATTO (1990): “enquanto psicólogos, precisamos urgentemente rever nossas interpretações e nossas práticas em relação à queixa escolar, ampliando nosso olhar na direção da complexidade do conjunto de práticas que constituem a vida diária escolar...”, considerando que a pedagogia deva retomar seu campo de conhecimento e atuação. Enfim; ao considerarmos a questão do fracasso escolar em que a grande parte dos psicólogos atua segundo o modelo psicologizante ou medicalizante do atendimento à queixa escolar como reflexo de uma visão de mundo que explica a realidade a partir de estruturas psíquicas, negando as influências e/ou determinações das relações institucionais e sociais sobre o psiquismo, encobrindo as arbitrariedades, os estereótipos e preconceitos de que as crianças das classes populares são vítimas no processo educacional e social; acompanhamos a opinião da autora. Nesse sentido, apoiamos também o modelo considerado por ARAÚJO & ALMEIDA (2003), que apontam para uma atuação preventiva, com o objetivo de legitimar as funções do psicólogo neste processo de transformação do cotidiano escolar, ancoradas em ações e estratégias orientadas para que este profissional facilite e incentive a construção de ensino tão diversificadas quanto forem as possibilidades interativas de aprendizagem; promova a reflexão e a conscientização de funções, papéis e responsabilidades dos sujeitos que atuam, buscando, junto com a equipe escolar, a superação dos obstáculos à apropriação do conhecimento. Para assegurar o enfrentamento dos desafios, será necessária uma postura ativa, ágil, competente e inovadora na superação dos limites convencionais, estabelecendo uma estreita relação entre a teoria e a prática visando a organização e o aperfeiçoamento. Para isso, o profissional de psicologia deva estar inserido na instituição escolar, como membro efetivo e integrante desse universo, para poder analisá-lo “por dentro”, incluindo-se como sujeito comprometido e pertencente a essa realidade. Nesse contexto, acompanhamos a proposta de que a natureza da atuação do psicólogo na escola que aqui se propõe, “... é no sentido de pensar a consolidação da identidade profissional do psicólogo escolar integrada a uma dimensão formativa ampliada, configurada por um contexto de desenvolvimento profissional, no qual as bases de referência devem estar claramente definidas e coadunadas a um perfil profissional delineado pela mobilização de saberes, da ciência e da experiência, em processos de construção e reconstrução de competências.” (ARAÚJO & ALMEIDA, 2005).

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, M. - SP. Psicologia Educacional: uma visão crítica. Cap III – A representações da relação indivíduo-sociedade na psicologia educacional, pg 43-74. SOUZA, P. R. M. Queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo (2004) In: MACHADO, N. M.; SOUZA, M. P. R. de (Org.). Psicologia Escolar: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo; pg 18-33. JOSÉ, E. A. e COELHO, M. T. Causas dos distúrbios de aprendizagem da leitura e da escrita. Problemas de Aprendizagem, Ática, 1989. MOYSÉS, M. A. A. e COLLARES, C. A. L. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. (1992) In: O Sucesso Escolar: um desafio pedagógico. Cadernos Cedes N28, Campinas, SP, pg 63-74. RIZZO, G. Os métodos de alfabetização utilizados na escola. P. América, SP 1986. SMOLKA, A. L. B. O trabalho pedagógico na diversidade (adversidade) da sala de aula. (1989). In: Educação Especial. Cadernos Cedes N23 SP Cortez SP. ARAÚJO, C. M. M. e ALMEIDA S. F. C. Psicologia Escolar e a Atuação Profissional. SP, Alínea, 2005. PATTO, M. H. de S. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, T. A. Queiroz, 1990. VYGOTSKY, Lev A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984. BERGER & LUCKMANN, T. A. A sociedade como realidade subjetiva, 1987. FERREIRO, E & TEBEROSKY, A., Psicogênese da Língua Escrita, Artes Médicas, Porto Alegre, 1999.

Anexos

EIXO TEMÁTICO 3
O QUE O PROFESSOR FAZ A RESPEITO DAS
DIFICULDADES



EIXO TEMÁTICO 1
COMO OS PROFESSORES
IDENTIFICAM AS DIFICULDADES



EIXO TEMÁTICO 2 COMO O PROFESSOR EXPLICA AS DIFICULDADES

